

Jubileu do Conselho Nacional de Geografia

O Conselho Nacional de Geografia está comemorando este ano, o seu jubileu de prata. Criado pelo decreto n.º 1527, de 24 de março de 1937, foi-lhe atribuído, em cooperação com outras repartições e instituições, o papel de coordenador e articulador dos estudos e ensino de Geografia do Brasil.

No campo internacional, passou o Conselho a integrar a União Internacional de Geografia, o que veio dar maior projeção ao Brasil nos grandes centros de pesquisas geográficas do mundo. Em outra parte desta revista, o leitor encontrará um pequeno histórico da vida do Conselho Nacional de Geografia.

As comemorações do 25.º aniversário do CNG constaram de um vasto programa, tendo início com missa so-

lene celebrada na Igreja da Candelária, no dia 24 de março às 10 horas.

Dom HÉLDER CÂMARA, arcebispo auxiliar do Rio de Janeiro, fez na ocasião, o sermão alusivo à efeméride, evocando os primeiros anos de existência do Conselho, que considerou a fase do pioneirismo, realçando a importância que tem para um país, o estudo da Geografia, o conhecimento de seu território, de sua gente, de seus recursos. Situou estes estudos, no panorama atual da evolução dos conhecimentos técnicos e científicos, sem os quais a humanidade não teria chegado, hoje, à era espacial.

No dia 26, segunda-feira, às 10 horas, foi inaugurada, no Aeroporto Santos Dumont, a exposição de trabalhos executados pelo Conselho Nacional de Geografia. Ali, como se verá mais



Fig. 1 — *Flagrante de um grupo de servidores, na Igreja da Candelária, logo após a missa. Vê-se sentados, da esquerda para a direita: Cel. Waldir da Costa Godolphim, secretário-geral do CNG; Dr. Sá Freire Alvim, presidente do IBGE; Dr. Fábio de Macedo Soares e senhora, e Joaquim Afonso Leite de Castro.*



Fig. 2 — Mesa presidida por Dr. José de Sá Freire Alvim, que deu início às solenidades do jubileu.

adiante, foram expostos ao público, painéis mostrando estudos de planejamentos regionais, levantamentos topográficos, medições, mapas e fôlhas da carta geral do Brasil em três escalas, documentário fotográfico relativo a estudos e pesquisas levados a efeito pelo CNG, atividades técnicas e culturais do Conselho, através de suas Divisões especializadas.

Às 16 horas, ainda do dia 26, houve uma sessão solene, no auditório do IBGE que contou com a presença dos dois colegiados que compõem o Instituto: Junta Executiva Central, e Diretório Central de Geografia, do presidente do IBGE. Dr. JOSÉ J. DE SÁ FREIRE ALVIM, Cel. WALDIR DA COSTA GODOIPHIM, secretário-geral do CNG, Dr. LAURO SODRÉ VIVEIROS DE CASTRO, secretário-geral do CNE, grande número de autoridades federais e estaduais e do funcionalismo da casa. Falaram na ocasião, o secretário-geral do Conselho Nacional de Geografia, o secretário-geral do Conselho Nacional de Estatística, o Dr. PÉRICLES DE CARVALHO, representante do Diretório Central, DR. OVÍDIO DE ANDRADE, representante da

Junta Executiva de Estatística e Dr. ARNALDO VIEIRA LIMA, em nome dos servidores do Conselho e por fim o senhor presidente, cujos discursos vão publicados adiante, os quais documentam a obra que o Conselho tem realizado no país.

No dia 30 de março, em prosseguimento às comemorações, o senhor secretário-geral, juntamente com os diretores de Divisão, concederam uma entrevista à Rádio Nacional, no programa "Reportagem do Dia". Nesta palestra, cada diretor fez um relato dos trabalhos que vem realizando sua Divisão, desde o início, salientando a importância dos empreendimentos levados a efeito nos diversos campos em que o Conselho exerce suas atividades. À Divisão de Geodésia e Topografia, a mais jovem grande unidade de serviço do Conselho, desmembrada recentemente da Divisão de Cartografia, estão afetos todos os trabalhos relacionados ao levantamento do território nacional, desde a triangulação geodésica de 1.^a ordem, até a topografia imediatamente ligada ao mapeamento, em todas as suas fases, desde o trabalho de

campo ao cálculo e ajustamento. Sua ação no campo se faz sentir através de quatro Distritos de Levantamento, sediados em Niterói, Brasília, São Paulo e Fortaleza.

A Divisão de Cartografia planeja e executa os trabalhos cartográficos levados a efeito pelo Conselho Nacional de Geografia. Sua produção tem sido regular e contínua, salientando-se a impressão da carta geral do Brasil ao milionésimo, composta de 46 folhas, contendo todo o território nacional.

A primeira edição completa, foi terminada em janeiro de 1960 e apresentada através de folhas avulsas e álbuns com gráficos fornecendo indicações técnicas e ilustrações com fotografias aéreas de regiões do campo da respectiva folha. A segunda edição melhorada foi editada e apresentada também através de álbuns e folhas avulsas, em 1961.

Publica também a carta do Brasil (parcial) na escala de 1:500 000, assim como folhas na escala de 1:250 000.

A Divisão de Cartografia já elaborou e editou mapas murais do Brasil, em cores básicas, políticas e hipsométricas, na escala de 1:5 000 000 (quatro edições) e na escala de 1:250 000 em quatro (4) folhas (duas edições). Editou vários mapas estaduais, estando atualmente empenhada na organização, desenho e impressão de mapas dos estados e territórios da União, em colaboração, ou por solicitação dos governos interessados.

Últimamente foram terminados os trabalhos de organização já agora em fase final de desenho e alguns de impressão, de quinze (15) cartas das diferentes unidades da Federação.

Está iniciando a carta do Brasil na escala de 1:100 000 e instalando aparelhos de fotogrametria, tendo adquirido o seu primeiro conjunto fotogramétrico de trabalho. Trata-se de dez (10) estereótopos e um estereoplanígrafo C-8 de fabricação Zeiss, pretendendo adquirir breve o segundo conjunto.

No que diz respeito ao apoio e controle terrestre, também foram adquiridos, para a Divisão de Geodésia e Topografia, dando novo impulso aos seus

trabalhos, três (3) telurômetros e um geodímetro.

Relativamente ao recobrimento, por meio de fotografias aéreas, de áreas ainda não fotografadas, a Força Aérea Brasileira (FAB), com bastante eficiência, vem produzindo esse tipo de trabalho para o Conselho, de acordo com o seu programa, mediante o fornecimento de filmes.

A carta do Brasil, na escala de 1:100 000, representará para o Conselho, a fonte de produção mantenedora dos seus trabalhos e, conseqüentemente a solução dos seus problemas cartográficos, assim como uma grande contribuição para a solução do problema cartográfico brasileiro.

Para atingir esse objetivo, o Conselho Nacional de Geografia mantém a mais estreita colaboração com os órgãos oficiais e entidades particulares, reunindo todos os elementos cartográficos, utilizáveis de suas cartas e mapas, mostrando, às vezes, em um só trabalho, o produto do esforço conjugado de todos aqueles que exercem atividades cartográficas.

A atividade cultural e de divulgação do Conselho, é exercida através da Divisão Cultural, que distribui esta tarefa à Secção de Publicações, Biblioteca, e Secção de Divulgação Cultural. Mantém dois periódicos, a *Revista Brasileira de Geografia*, de ritmo trimestral, completando 24 anos de existência, e o *Boletim Geográfico*, bimestral, com 165 números circulando. O programa editorial abrange ainda a "Biblioteca Geográfica Brasileira", com três tipos de publicações: livros, folhetos e manuais, avultando o primeiro, com 16 obras de inegável valor geográfico. Esta série foi iniciada com o *O Homem e o Brejo*, seguindo-se *O Homem e a Restinga*, *O Homem e a Serra*, e *O Homem e a Guanabara*, do professor ALBERTO LAMEGO. Inúmeras outras publicações são editadas pelo Conselho, destacando-se *Tipos e Aspectos do Brasil*, já em 6.^a edição, além das edições em inglês, espanhol, esperanto e francês.

Nas páginas da *Revista Brasileira de Geografia*, são estampados trabalhos regionais e estudos referentes ao Brasil.

As publicações são distribuídas às entidades científicas e culturais de todo o mundo, por meio de intercâmbio ou oferta, e uma parcela vendida a preço de custo.

A Biblioteca mantém um acervo de cerca de 30 mil obras geográficas, que são franqueadas ao público, além de grande número de documentos, relativos aos diversos assuntos relacionados com a geografia, principalmente do Brasil.

Um cadastro de professores de Geografia, estabelecimentos e estudantes de Geografia, é mantido pela Secção de Divulgação, onde há mais de três mil professores registrados. Dois cursos de aperfeiçoamento para professores de Geografia de nível secundário, são mantidos pela Divisão Cultural, em fevereiro, e em julho. O museu geográfico, ala da Secção de Divulgação, é um mostruário da geografia do Brasil.

CABE A DIVISÃO DE GEOGRAFIA PAPEL IMPORTANTE NA VIDA DO CONSELHO

É ponto pacífico, nos países mais adiantados do globo, que há uma tarefa técnica peculiar a ser cumprida pela geografia, pelos geógrafos. E, enquanto numerosos países se empenham em reunir uma equipe ou equipes de geógrafos, que atendam às suas necessidades, o Brasil já dispõe de um órgão especializado o CNG, já constituído há muitos anos — exatamente vinte e cinco anos — e que já conta com grande soma de trabalhos versando pesquisa pura ou aplicada.

A Divisão de Geografia do CNG, em sua história curta mas movimentada, longe de se caracterizar pela rotina, vem sendo marcada por uma sucessão de fases bem distintas, algumas delas sob o influxo polarizador de alguns acontecimentos de relêvo, como aquela que foi dedicada aos estudos para a localização da Nova Capital do Brasil, ou aquela em que colaborou intensamente na organização do XVIII Congresso Internacional de Geografia

sobretudo no preparo e realização das excursões programadas e na feitura de seus livros-guias. Ainda nos anos mais recentes, um enorme esforço de coordenação de toda a soma de conhecimentos adquiridos pelos nossos geógrafos, em suas viagens, bem como dos frutos oferecidos pela já abundante bibliografia da moderna geografia brasileira, traduziu-se em afanosa e absorvente tarefa, de que a parte geográfica da *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros* e os volumes de "Geografia do Brasil" são a maior expressão.

Em resultado do desdobramento da antiga Secção de Estudos Geográficos do Conselho Nacional de Geografia, em 1945, formou-se a Divisão de Geografia, cuja estrutura desde então se mantém com algumas modificações. Ao coordenador de Geografia, depois diretor da Divisão Prof. FÁBIO DE MACEDO SOARES GUIMARÃES, coube imprimir-lhe orientação, dando o cunho científico a seus trabalhos, cujos princípios doutrinários foram expostos em discurso pelo mesmo proferido na solene inauguração das instalações da Divisão em março de 1948. Naquela ocasião já insistia o diretor da Divisão na ênfase que estava dando, desde 1947, às pesquisas de campo, cuja primazia sobre os trabalhos de compilação foi desde então estabelecida. Como responsável pela orientação científica da Divisão reafirmou também a sua preocupação de não perder uma visão ampla dos objetivos e métodos do trabalho geográfico, combatendo toda subordinação rígida a qualquer escola. Por outro lado, salientou naquela oportunidade que, convictos da utilidade da sua ciência, os geógrafos do CNG, órgão da administração pública, teriam como objetivo colocar a geografia a serviço da administração. "Nossas atividades referem-se, por conseguinte, à chamada ciência aplicada" mas "não vemos nenhum antagonismo entre ciência pura e ciência aplicada", pois "todos os que se dedicam à pesquisa científica sabem que a melhor maneira de se chegar a resultados práticos é libertar-se do imediatismo e

aplicar-se ao trabalho científico em toda sua pureza”.

Nesta ordem de idéias, as primeiras grandes tarefas da Divisão de Geografia versaram sobre problemas que, atualmente, consideramos como de geografia aplicada, expressão ainda não consagrada àquele tempo.

Através de estudos de campo e de gabinete, mobilizando todos os seus geógrafos e ainda dois mestres — LEO WAIBEL e FRANCIS RUELLAN — e promovendo duas grandes expedições à região, o CNG em 1947 realizou estudos cuidadosos visando à localização da atual capital federal. Nos anos que se seguiram, outros programas foram executados com o fim de fornecer bases para formulação, ou elementos para controle de programas de ação. Foi o período das pesquisas sobre as características geográficas da área de influência da cachoeira de Paulo Afonso, das tarefas visando à delimitação da hiléia amazônica, como subsídio para a delimitação da área de ação da SPVEA. Foi o tempo do convênio com a Comissão do Vale do São Francisco para a feitura de mapas de população e mapas econômicos, de um estudo climático e de um levantamento geomorfológico. Foi o tempo dos programas específicos sobre a colonização no sul, suas condicionantes e suas decorrências e também sobre as frentes pioneiras em Mato Grosso.

A Baixada Fluminense e o “Mato Grosso” de Goiás foram focalizados com cuidado especial. Mais tarde os territórios federais do Amapá e do Rio Branco viriam enriquecer juntamente com aqueles dois estudos a “Biblioteca Geográfica Brasileira”. Também o vale do rio Doce iria ser o alvo das pesquisas dos geógrafos.

Em anos sucessivos, foram os geógrafos do CNG estendendo as suas pesquisas a novas áreas até então não estudadas, multiplicando-se suas viagens de reconhecimento, que alcançaram as mais variadas regiões do país. Paralelamente, estudos de gabinete foram realizados sobre temas de geografia sistemática, em especial a geografia da população, a geografia econômica e a climatologia.

Como fruto de todas essas pesquisas e do conceito que os geógrafos do CNG haviam alcançado, participaram eles ativamente da preparação e elaboração dos livros-guias do XVIII Congresso Internacional de Geografia realizado no Rio de Janeiro em 1956. Dos nove livros-guias, aos geógrafos do CNG ficou afeta a elaboração integral de cinco, cabendo-lhes ainda a co-autoria em dois outros tendo também prestado colaboração aos demais. Pela mesma época, empenhou-se a Divisão na feitura do *Atlas Geográfico Escolar*, em convênio com o Ministério da Educação e Cultura. Iniciava-se, assim, a nova fase na vida da DG que seria caracterizada, a seguir, pela coordenação da documentação já reunida e pela complementação da mesma com novas pesquisas, para a realização de uma obra de divulgação de grande alcance, a *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros*. Concomitantemente, iria a Divisão de Geografia iniciar a publicação de uma “Geografia do Brasil” em vários tomos, os três primeiros, já publicados, abrangendo as regiões Norte, Centro-Oeste e Nordeste.

Preocupa-nos agora, sobretudo, a aplicação de novos métodos de investigação científica e a busca de novas interpretações, em função de formulações inéditas de alguns dos problemas da geografia do Brasil. Isto no campo das pesquisas programadas por iniciativa da própria Divisão de Geografia. Por outro lado, e, podemos dizer, também, em decorrência dessas mesmas preocupações, de caráter metodológico, que colocam a Divisão em condições de participar com êxito da aplicação da geografia nos planejamentos, dispõe-se agora a Divisão de Geografia a participar ativamente nos trabalhos dessa natureza, já estando empenhada em pesquisas solicitadas por diferentes órgãos do governo ou realizadas com o apoio dos mesmos.

A nossa preocupação consiste em desenvolver as pesquisas em torno de certos temas de geografia sistemática que, por um lado, permitam aprimoramento das técnicas e dos métodos de trabalho e, por outro, nos levem à

melhor compreensão de problemas brasileiros de grande atualidade. Estes estudos estão proporcionando, além dos resultados interpretativos e de treinamento, o estabelecimento de uma atitude metodológica comum e maior especialização dos geógrafos que nêles venham a se empenhar.

Nesta linha de pensamento, alguns programas foram desenvolvidos em 1961, a Divisão tendo contado, para tanto, com a colaboração do professor MICHEL ROCHEFORT da Universidade de Estrasburgo, responsável pela orientação de vários programas no campo da geografia humana:

1) *Geografia das indústrias*; 2) *Geografia urbana* e 3) *Geografia da população*. Cada um destes programas objetiva alcançar todo o Brasil em estudos sucessivos segundo áreas diversas. Terão caráter amplo, em escala larga e suas conclusões fundamentais permitirão posteriormente, mudada a ética de apreciação, estudos pormenorizados já agora com estreitas implicações regionais.

O programa de geografia das indústrias, visa definir as formas de implantação dos tipos de centros industriais nas diferentes regiões e analisar os problemas da organização do espaço no interior dos centros industriais. Seu primeiro estudo, ora em andamento, trata da implantação industrial no Sudeste brasileiro e uma pesquisa de campo sobre organização do espaço industrial foi realizada em Juiz de Fora à guisa de amostra representativa. Outras se seguirão, em núcleos de caráter diferente a ser previamente determinado.

Os objetivos do programa de geografia urbana são, a par do desenvolvimento de uma metodologia do estudo de centros urbanos do Brasil, a compreensão das suas relações com a vida da região que êles controlam. Ao mesmo tempo procura definir os tipos de centro, sua hierarquia e interdependência, e as zonas de influência destes diferentes centros de modo a estabelecer cartas das rêdes urbanas, mostrando claramente a organização urbana em cada região. O primeiro estudo do programa diz respeito à região urbana do

Rio de Janeiro. Um estudo pormenorizado da zona de influência de um dos centros regionais foi objetivo de trabalho de campo em Juiz de Fora, a qual se tornou assim uma verdadeira cidade laboratório.

O programa do estudo geográfico da população toma como tema geral a definição do potencial humano de cada região, buscando as relações com as formas atuais de economia e as perspectivas do desenvolvimento, do ponto de vista das forças humanas de produção. Trata-se de uma intensa utilização geográfica dos censos demográficos, com uma abundante produção de cartogramas que lhes analisam graficamente os mais variados aspectos, absolutos e relativos. O estudo inicial se faz na região Nordeste.

No campo da geografia física o primeiro programa a ter andamento é da geomorfologia. O estudo sistemático da morfologia brasileira far-se-á em função de um mapeamento progressivo. A elaboração de fôlhas da *Carta Geomorfológica* do país conduzirá à caracterização e interpretação de nossos problemas nesse campo. Também aqui o ponto de partida é o estabelecimento das bases metodológicas mediante os primeiros trabalhos em que estudos teóricos e esforço prático se somam. No que diz respeito ao processo de trabalho, as observações de campo se somam à foto-interpretação e aos trabalhos de laboratório. Com efeito, o laboratório de geomorfologia, já instalado, dará a tônica metodológica que se faz urgentemente necessária entre nós para renovação das pesquisas neste setor.

Evitando o perigo da dispersão nessa fase de mudança de orientação, o número de programas iniciados foi limitado. Outros porém serão projetados e iniciados em diferentes etapas do futuro próximo. Em cada caso o procedimento será adaptado às circunstâncias e à natureza do tema. Porém, o trabalho de grupo, as reformulações teóricas e o ensaio de métodos de pesquisa e de apresentação dos resultados serão preocupações constantes. E ainda mais. A Divisão, mais do que nunca, estará sempre atenta às possibilidades de se associar aos esforços de todos os

especialistas cujos campos interessam de perto ao desenvolvimento da geografia e, muito especialmente, de se associar aos geógrafos que em diversas esferas regionais labutam na pesquisa.

Isto no campo da investigação geográfica pura. No que diz respeito à aplicação da geografia nos planejamentos, a Divisão não fugirá à sua missão. É a repartição do IBGE à qual compete oferecer serviços ou coordenar esforços sempre que competir à geografia fornecer bases para formulação ou os elementos para controle de programas de ação.

Tem, pois, a Divisão de Geografia, como seu segundo objetivo, expandir suas atividades a fim de atender aos reclamos crescentes da participação da geografia no desenvolvimento nacional. Por sua própria iniciativa lança-se novamente às pesquisas de interesse para planejamento, focalizando problemas de atualidade e, por outro lado, dispõe-se a operar, diretamente, em programas de planejamento. Atenção especial está sendo dada aos problemas referentes à região Nordeste notadamente ao estudo de sua estrutura agrária. Do mesmo modo, a bacia do Paraíba do Sul também está sendo alvo de um estudo sistemático, visando o reunir elementos que sirvam de apoio à atuação da comissão. Já como resultado daquele esforço de aprimoramento

metodológico acima referido, foi a Divisão convidada a realizar um estudo sobre o abastecimento de Brasília e seus problemas.

Esses são os rumos que norteiam atualmente a atuação da Divisão de Geografia do CNG. Considerando que qualquer planificação regional deve ser concebida e conduzida levando em conta todos os fatores e aspectos que condicionam a vida regional e convencidos de que o geógrafo é o especialista mais consciente das complexidades regionais, decorrentes do interrelacionamento dos mais diversos elementos, estamos conscientes da importância do papel que ele tem a desempenhar. Na compreensão dos problemas de uma região, na aferição de suas tendências de evolução, no encaminhamento de soluções para os mesmos, a geografia deve sempre atuar. É neste sentido que a Divisão de Geografia do CNG pretende encaminhar os seus programas, mas sem esquecer que, para ser útil, a geografia tem que ser antes de tudo boa geografia e que um geógrafo, para desempenhar plenamente o seu papel, como PIERRE GEORGE, deve ser plenamente geógrafo e somente geógrafo, sem negligenciar a pesquisa fundamental e sem penetrar no campo das ciências afins, e mais, reconhecendo que o limite de sua competência se situa justamente onde começa a aplicação.

EXPOSIÇÃO DO CNG

Os trabalhos do Conselho foram expostos no Aeroporto Santos Dumont, montados em painéis e mesas, junta-

mente com instrumentos e material de campo da Divisão de Geodésia, em área ao lado.

Painéis

- | | |
|---|---|
| <p>1) a) <i>Exposição comemorativa do jubileu</i>, com 4 fotos.</p> <p>b) <i>Divisão de Geografia</i>.
Mapa-roteiro das excursões realizadas pelos geógrafos do CNG. — 6 fotos.</p> <p>2) a) <i>Painel retrospectivo</i>: mapas:</p> <p>1) Isaritma de densidade da produção do café.</p> <p>2) Vegetação original, Paraná.</p> | <p>3) Fôlha da carta — Conselheiro Lafaiete; foto da floresta tropical.</p> <p>b) <i>População do Nordeste</i>:</p> <p>1) Mapa-índice de juventude — recenseamento de 1950.</p> <p>2) Estudo do potencial humano do Nordeste; estrutura profissional.</p> <p>3) a) <i>Divisão de Cartografia</i>:</p> <p>1) Mapa turístico do Brasil.</p> |
|---|---|

- 2) três fotos:
- a) Igreja de São Francisco — Ouro Preto.
 - b) Palácio da Alvorada.
 - c) Seminário e Convento Franciscano (1561) — Olinda.
- b) *Divisão regional do Brasil:*
- 1) Mapa mostrando as 5 grandes regiões;
 - 2) 6 fotos.
- 4) a) *As formações vegetais:* mapas
- 1) As formações vegetais do Brasil.
 - 2) Vegetação primitiva.
 - 3) Vegetação atual.
 - 4) Duas fotos.
- b) *Mapa físico do Brasil:*
- 1) Mapa.
 - 2) Três fotos: caatinga, derrubada e vegetação tropical.
- 5) *Divisão Cultural*
- a) 1 mapa do Brasil mostrando a distribuição da *Revista Brasileira de Geografia*.
 - b) Planisfério mostrando a série de costas na escala 1:250.000.
 - 1 — Fôlha de Salvador;
 - 2 — Fôlha do rio Doce;
 - 3 — Fotos: Fortaleza Colonial e barriguda.
- 6) a) 1) Mapa político do Brasil.
2) Três fotos: vista aérea da cidade de São Paulo; Vista aérea de Ouro Preto.
- b) *Bacia do Paraíba do Sul:*
- 1) Mapa mostrando a variação absoluta da população rural e urbana: 1950 a 1960;
 - 2) Mapa esboço geomorfotofísico da bacia do Paraíba do Sul.
 - 3) Mapa potencial hidráulico e aproveitamento hidrelétrico da bacia.
- 7) a) *Excursão realizada em agosto de 1961.*
- 1) Mapa de excursão ao rio Araguaia.
 - 2) Elementos históricos da fôlha da carta Araguaia.
- 3) Fotos aéreas — a) Baixo Tocantins e Estrada de Ferro Tocantins.
- b) Série da carta do Brasil na escala 1:500 000:
- 1) Fôlha Vitória NO; 2) Goiânia NE; 3) Três fotos: vista parcial da cidade de vitória; vila de Itabapoana, cidade de Goiânia.
- 8) a) *Clima e vegetação da Região Centro-Oeste:*
- 1) Mapa da duração e intensidade da estação seca (Gaussem).
 - 2) tipos climáticos (Gaussem).
 - 3) Tipos de vegetação.
 - 4) Três fotos: a) floresta tropical (foto Gaussem); b) vegetação do cerrado; c) campos limpos (MG).
- b) Série da carta do Brasil, escala 1:1.000.000.
- 1) Fôlha do Pará;
 - 2) Fôlha da Paraíba;
 - 3) 3 fotos: vegetação amazônica à margem do rio Pará; floresta tropical e embarcação no pôrto de Vêr-o-Pêso—Belém.
- 9) a) *Mapas estaduais:*
- 1) Mapa do estado do Rio.
 - 2) Foto do Dedo de Deus.
- b) Estudo urbano de uma capital regional Juiz de Fora;
- 1) Mapa influência cultural e bancária — Juiz de Fora.
 - 2) Serviços de saúde.
 - 3) Mapa função do centro de transporte e delimitação da região urbana — Juiz de Fora.
- 10) a) *Mapa de Brasília.*
- 1) Mapa.
 - 2) três fotos: a) Palácio do Congresso; b) um candango (construtor de Brasília); c) Parlamento.
- b) Estudo urbano de uma capital regional — Juiz de Fora.
- 1) Mapa da localização dos estabelecimentos industriais.

- 2) Mapa — raio da ação do comércio varejista.
- 3) Foto: s/legenda.
- 11) a) *Mapas dos territórios:*
- 1) Território do Acre.
 - 2) Território de Rondônia.
 - 3) Três fotos: a) rua Dona Constância de Meneses (Acre); b) seringueiros sangrando seringueiras; c) borracha: bolas de 50 kg. Rio Branco.
- b) Organização urbana na região do Rio de Janeiro:
- 1) Comércio de utensílios, sementes e fertilizantes.
 - 2) Rêde de agências e depósitos (mapas).
- 12) a) *Mapas dos territórios:*
- 1) Território do Amapá.
 - 2) Território do Rio Branco.
 - 3) 2 fotos: a) pôrto flutuante moderno, em b) aspectos da floresta derrubada, c) Serra do Navio.
- b) Organização urbana na região do Rio de Janeiro.
- 1) Raio de ação do comércio varejista dos centros locais e regionais (mapa).
 - 2) Setores de organização (mapa).
- 13) a) *Mapas estaduais:*
- 1) Estado do Piauí.
 - 2) Rio Grande do Norte.
 - 3) 2 fotos: a) bordadeira, b) Sítio São Francisco, c) pescadores do rio Capibari-be — PE.
- b) Organização urbana na região do Rio de Janeiro.
- 1) Hierarquia dos centros urbanos de acôrdo com a organização dos serviços.
 - 2) Grau de centrabilidade dos núcleos urbanos.
 - 3) Tipologia dos centros pela presença do comércio e outros serviços.
- 14) a) *Carta topográfica:*
- 1) Esquema de uma fôlha em elaboração — Campos Novos.
 - 2) 4 fotos.
- 3) 2 fotos mostrando instrumental de trabalho.
- b) *Estudo da delimitação urbana da região do Rio de Janeiro.*
- 1) Mapa de ocorrência de vendas para firmas com sede no Rio de Janeiro e limites respectivos.
 - 2) Distribuição do sal (mapa).
- 15) a) *Estudo da delimitação urbana da região do Rio de Janeiro.*
- 1) Procedência de gêneros alimentícios (mapa).
 - 2) Volume e procedência do café remetido ao Rio de Janeiro.
- b) *Mapas diversos: coleção de 18 mapas mudos, para fins escolares.*
- 16) a) *Estudo da delimitação urbana*
- 1) Delimitação urbana da região do Rio de Janeiro.
 - 2) Mapa mostrando a distribuição de combustíveis através do pôrto do Rio de Janeiro; venda de veículos, máquinas e outras peças.
- b) *Album da carta do Brasil ao milionésimo:*
- 1) Álbum da carta, impresso com 46 fôlhas.
 - 2) Índice das fôlhas que compõem o álbum.
 - 3) Fôlha de Pôrto Alegre.
 - 4) Fôlha do Rio de Janeiro — histórico.
 - 5) Foto aérea da cidade do Rio de Janeiro.
 - 6) Foto da região amazônica (aérea).
- 17) a) *Implantação industrial no Brasil Sudeste*
- 1) Indústria de produtos alimentares — 1958 (mapa).
 - 2) Indústrias metalúrgicas em 1958.
 - 3) Tipos de centros industriais.
 - 4) Classes de estabelecimentos, segundo o número de pessoas ocupadas.
 - 5) Pessoal ocupado, segundo o gênero de indústria.



Fig. 3 — Inauguração da exposição do CNG, no Aeroporto Santos Dumont. O presidente do IBGE corta a fita simbólica.

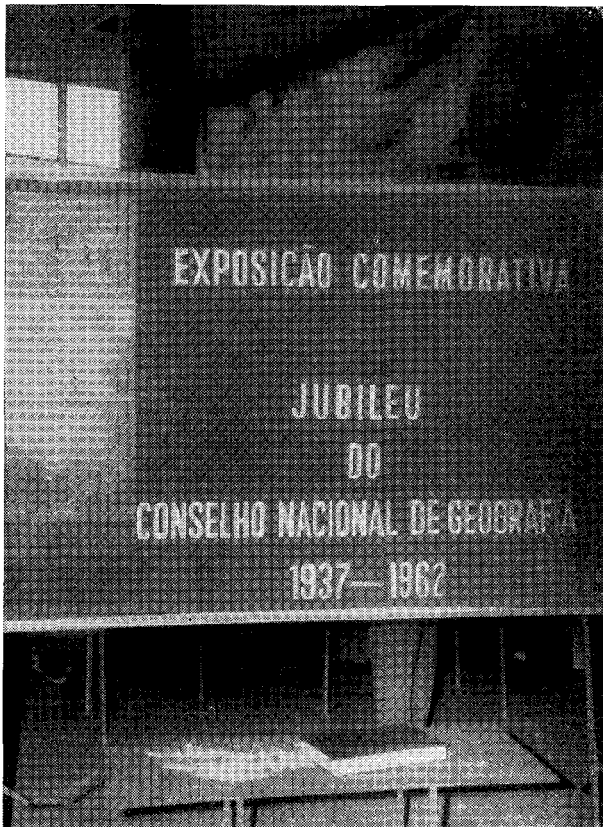


Fig. 4 — Painel relativo ao jubileu do Conselho.



Fig. 5 — O presidente do IBGE observando um colimador vertical.

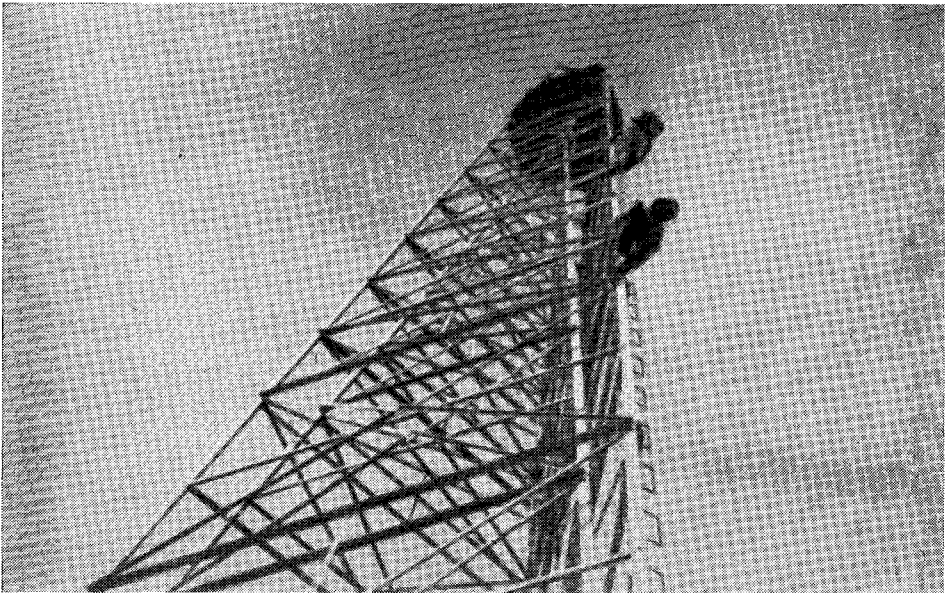


Fig. 6 — Uma turma de medição angular, com sua carga de instrumental, subindo uma tórre "Billy", para triangulação em zonas planas ou cobertas de matas elevadas.



Fig. 5 — O presidente do IBGE observando um colimador vertical.

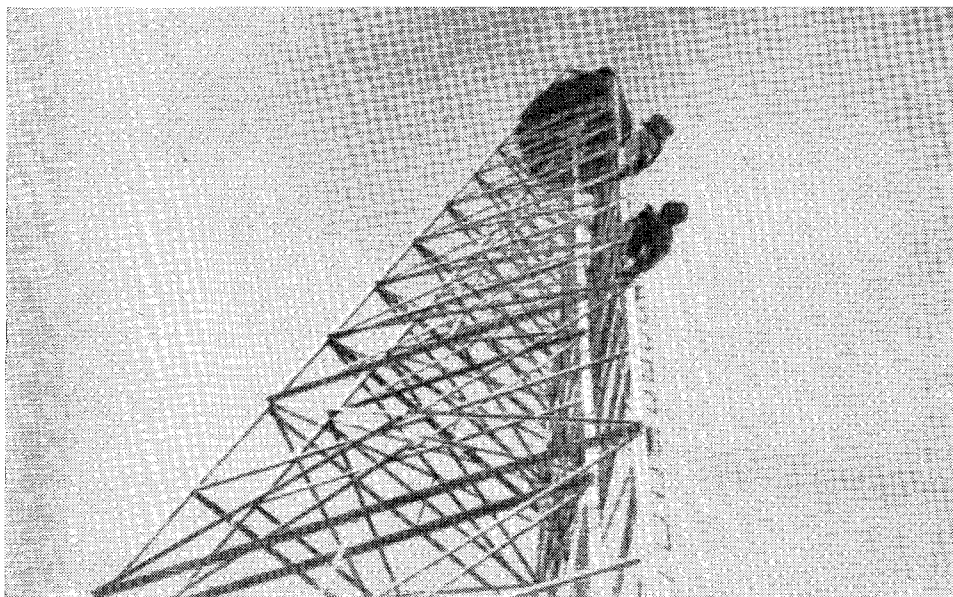


Fig. 6 — Uma turma de medição angular, com sua carga de instrumental, subindo uma torre "Billy", para triangulação em zonas planas ou cobertas de matas elevadas.

- 4) Blocos-diagramas (planície amazônica).
- 5) Relêvo do Nordeste (perfil).
- 6) Relêvo do Planalto.
- 7) Planalto Meridional (perfil).
- 8) Várzea amazônica (foto).
- 9) Terra firme (foto).
- 10) Terra firme (foto).
- 11) Chapada no Meio-Norte.
- 12) Relêvo tabular no Meio-Norte.
- 13) Chapada do Araripe.
- 14) *Inselberge* no Nordeste.
- 15) Serra do Mar e Baixada Fluminense.
- 16) Vale alveolar em Friburgo.
- 17) Vale encaixado no 3.º Planalto.
- 18) Escarpa ocidental do Planalto Central.
- 19) Ondulação do Planalto Atlântico.
- 20) Influência estrutural no modelo do 3.º Planalto.
- 21) Borda do Planalto Central.
- 22) "Castelos" de Vila Velha.
- 23) Terra firme.
- 24) Relêvo ondulado do Planalto Atlântico.
- 25) Subida para o Planalto Meridional.
- 26) Chapadas erodidas no Nordeste.
- 27) Encosta da Mantiqueira, em Piquê.
- 28) Subida para o 2.º Planalto.
- 29) Relêvo tabular do Planalto Central.
- 30) Testemunho sedimentar no Planalto Central.

SOLENIDADES

A sessão solene do dia 26 reuniu as três alas de que se compõe o IBGE. Abrindo os trabalhos, o Sr. SÁ FREIRE ALVIM, presidente, deu a palavra ao Ten-Cel. WALDIR DA COSTA GODOLPHIM, secretário-geral do CNG que pronunciou o seguinte discurso:

"Cabe-me, na qualidade de secretário-geral, a alta honra de participar, de modo mais ou menos proeminente, nas festividades comemorativas do JUBILEU DE PRATA desta Casa. Não haveria quem não se sentisse vaidoso de uma oportunidade como esta. Ter-se-ia a ilusão de que o detentor eventual de tal cargo fôsse o recipiendário natural das homenagens dirigidas ao Conselho Nacional de Geografia por ocasião de sua efeméride. Essa ilusão, entretanto, não mais é possível pois já vai longe o tempo em que o Conselho teria de ser apadrinhado. Hoje é padrinho de si próprio, projetando-se impávido em todos os escaninhos da vida nacional, vencendo galhardamente por si próprio os obstáculos que se lhe têm apresentado e situando-se na cúpula da cultura brasileira, contemplando a jornada percorrida e orgulhoso do traço de luz que jorra de sua trajetória.

Singular maturidade a do CNG. A idade das instituições conta-se por séculos, não por décadas. Eternas como a pátria originam-se nas brumas do passado e vão-se constituindo nas tradições da nacionalidade, acumulando vida gloriosa e impondo-se à veneração dos brasileiros. O ideal que as anima

e impulsiona, embora acima das contingências temporais prende-se imperceptivelmente ao transcórre do tempo, que preside a evolução humana, da civilização e do progresso dos povos. Não obstante, ao Conselho Nacional de Geografia, coube superar esta maturidade cronológica. Substituiu-a, nos seus vinte e cinco anos de existência, pela maturidade cultural e científica com que se impôs à nação brasileira.

Não resta dúvida que para atingir êste altiplano, o CNG não pôde prescindir daquelas individualidades marcantes que atuavam nas suas origens e das outras que tão devotadamente as seguiram, inteiramente aplicadas aos estudos da Geografia no seu sentido mais lato, estimuladas pelo apoio dos governos, que souberam antever que a grandeza da nação repousa antes de tudo no conhecimento de sua potencialidade. Foi do idealismo e árduo trabalho dos nossos antecessores que esta Casa se firmou na estrutura governamental do país e adquiriu a contextura atual que lhe permite confiantemente lançar-se no futuro, na conjuntura do desenvolvimento nacional que está rapidamente transformando o país subdesenvolvido em grande potência mundial.

O Conselho Nacional de Geografia através dos trabalhos que lhes são próprios: *culturais* — documentação especializada, cursos e intercâmbio; de *engenharia especializada* — mensuração do território nacional, triangulação, nivelamento, gravimetria e astronomia; *cartográficos* — confecção de mapas e cartas de pequenas e grandes

escalas, nacionais, regionais, estaduais e municipais; de *pesquisa e coordenação geográfica*, adquiriu prestígio nacional e internacional. Além das nossas fronteiras seu nome é ouvido com respeito e admiração. É uma das glórias do Brasil.

Senhor presidente do IBGE, Dr. JOSÉ JOAQUIM DE SÁ FREIRE ALVIM: No JUBILEU DE PRATA que estamos comemorando, o CNG totalmente integrado no espírito ibgeano, está ciente de que a alta direção do IBGE, na pessoa de V. Exa., e as suas alas irmãs, o Conselho Nacional de Estatística, o SNR e as oficinas gráficas, compartilham do contentamento dos seus irmãos da Geografia, pelo transcurso de tão significativa efeméride. E, presta homenagem a V. Exa., firme e generoso presidente do IBGE que com nobreza e compreensão o vem ajudando a perseguir o seu inteiro desiderato. A todos os senhores que nos honram com sua presença nesta sessão comemorativa, o obrigado do Conselho Nacional de Geografia”.

Em seguida, usou da palavra o Dr. PÉRICLES DE CARVALHO, em nome do Diretório Central:

“Senhoras e senhores:

Sejam minhas primeiras palavras de agradecimento aos meus nobres companheiros do Conselho Nacional de Geografia pela desvanecedora honra que me concederam de representar esse colendo Conselho, como intérprete de seu pensamento, na hora solene em que se comemora o seu jubileu. Num colegiado ilustre, onde pontificam expressões das mais altas da cultura do país, que reúne em seu seio historiadores, escritores, geógrafos e representantes de alto gabarito da administração federal e estadual, somente o critério da antigüidade prevaleceu para trazer-vos a palavra descolorida do mais antigo integrante deste eficiente órgão. Se, entretanto, me faltam o calor oratório, a cultura histórica, o sabor literário e a experiência amadurecida dos grandes nomes que compõem o CNG, restam-me o entusiasmo e a admiração, hauridos no contacto permanente e ininterrupto durante vinte e dois dos vinte e cinco anos da existência que hoje se comemora tão justa e festivamente.

Os que tiveram, como eu, a ventura, ainda que por curto lapso de tempo, de pertencer a esta Casa, podem compreender o orgulho e a satisfação que me dominam ao trazer a palavra oficial dessa plêiade de homens ilustres que representa o colegiado da ala mais jovem do IBGE e a expressão sincera de solidariedade às festividades comemorativas do vitorioso quartel

de século de atividades fecundas do Conselho Nacional de Geografia.

A 24 de março de 1937, por decreto executivo n.º 1527, o governo criava o Conselho Brasileiro de Geografia, posteriormente, pela lei n.º 218, de janeiro de 1938, incorporado ao Instituto Nacional de Estatística, já sob a nova denominação de Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Essa nova entidade, de estrutura administrativa *sui-generis*, gerada pela visão quase profética e por um sonho que se tornou realidade, foi semeada, cresceu, frutificou e, hoje, estende sua frondosa galhada sobre uma das maiores áreas geográficas contínuas que constitui a extensão territorial do país.

Neste momento em que nos encontramos, ao longo dessa estrada, num marco significativo de sua crescente ascensão, que assinala um ponto alto de sua trajetória, após a caminhada de vinte anos de lutas e de esforços, de glórias e vicissitudes, de sucessos e de momentos difíceis, devemos parar e voltar as vistas ao passado, para prestar um merecido preito de justiça e reconhecimento àqueles visionários e profetas e aos realizadores intemoratos que venceram pela fé e pela coragem patriótica. DANIEL DE CARVALHO, em 1928, com o projeto n.º 152, apresentado à Câmara dos Deputados, tentando unificar os sistemas estatísticos. HEITOR ELÓI ALVIM PESSOA e MÁRIO AUGUSTO TEIXEIRA DE FREITAS, em 1931, forjando a criação do sistema. JUAREZ TÁVORA, concretizando a idéia, em 1934, e dando a primeira estrutura ao novel Instituto. JOSÉ CARLOS DE MACEDO SOARES, instalando, em 1936, o órgão criado, dois anos antes, e dando-lhe o melhor de seus esforços para transformá-lo nesse monumento que é hoje o IBGE. Outros pioneiros constituíram, desde então, os baluartes dessa obra que teve em TEIXEIRA DE FREITAS o apóstolo máximo. RAFAEL XAVIER, HEITOR BRACET, RUBENS PÓRTO, WALDEMAR LOPES, DELGADO DE CARVALHO, JOSÉ ESPINOLA, CRISTÓVÃO LEITE DE CASTRO, FÁBIO DE MACEDO SOARES GUIMARÃES, ORLANDO VALVERDE e dezenas de outros constituíram os batalhadores da primeira linha de frente dessa magnífica instituição que hoje está consagrada no país e fora de nossas fronteiras. Seria fastidioso enumerar, ainda que merecido, o sem número de colaboradores, da família ibgeana, que se tornaram credores da gratidão dos brasileiros no desenvolvimento dessa entidade. Um grupo de geógrafos ilustres, quer nos trabalhos de gabinete, na cartografia e no campo, desbrava, dia a dia, os segredos avaramente guardados nessa imensidão territorial de nosso país.

Outro punhado de homens ilustres soube conduzir, nesses 25 anos, a chama olímpica acesa por seus idealizadores, trazendo-a, unvida da fé que constitui o espírito ibgeano, através dos momentos difíceis, para mantê-la viva e capaz de iluminar o caminho do futuro, em novas arrancadas que levem o país à meta alvissareira de seu pleno desenvolvimento. JOSÉ CARLOS DE MACEDO SOARES, ALVES CÂMARA, POLY COELHO, FLORÊNCIO DE ABREU, ELMANO CARDIM, JURANDIR PIRES FERREIRA, RAFAEL XAVIER agora SÁ FREIRE ALVIM e, interinamente, RUBENS PÓRTO e MOACIR MALHEIROS FERNANDES SILVA, na direção do Instituto, mantiveram a tradição de colocar em relevo a obra idealizada há 25 anos atrás. E por que o fizeram? — Porque a semente lançada criou raízes profundas no anseio nacional do desenvolvimento e do progresso do país. Coordenar, unificar, reunir sob orientação técnica e racional as atividades geográficas dispersas por todo o território nacional, dando-lhes sentido objetivo e orientando-as homogêneas para maior rendimento e eficiência, constituía imperativo nacional.

A extensão territorial do Brasil, abrangendo zonas tropicais e temperadas, cortada por três meridianos, com um crescimento demográfico de alto índice, contendo em sua área geográfica vários estágios de desenvolvimento econômico e social, com aspectos de paridade, em certas regiões, ao mais alto padrão de civilização atingido por outros povos, em contraste com zonas de subdesenvolvimento que rivalizam com as de menor nível do mundo, exigia o melhor aparelhamento do setor geográfico para maior conhecimento dos recursos naturais e aproveitamento da natureza do solo, a fim de que o surto do desenvolvimento econômico atingisse o nível necessário à manutenção do equilíbrio social nas variadas regiões que integram o país.

E o Conselho Nacional de Geografia, lutando contra obstáculos dos mais variados, desde a incompreensão humana sobre suas finalidades, a burocracia retrógrada e congênita de alguns setores da administração, as resistências ou a displicência de algumas unidades da Federação, foi vencendo, lenta e seguramente, essas barreiras, ora corrigindo falhas e imprimindo tenazmente a orientação técnica necessária, ora estimulando e premiando, no sentido de intensificar o gosto pela pesquisa geográfica, despertando o entusiasmo e o interesse dos órgãos regionais, fomentando cursos, concedendo bolsas de estudo, fazendo estágios de aperfeiçoamento e emulando os estudiosos de todo o país. Foi tarefa ár-

dua e pertinaz, algumas vezes desalentadora, porém, neste ponto de nossa longa caminhada, podemos dizer — vitoriosa.

O acervo de trabalhos e pesquisas, promovidos a fundo, em todo o território nacional, tem causado a admiração aos estudiosos do país e do estrangeiro, especialmente quando o Conselho se apresenta em certames internacionais, levando a exposição de seus trabalhos geográficos e cartográficos, impressionantes quer pela riqueza e detalhe, quer pela apresentação dentro da técnica mais moderna.

Geografia é tarefa bastante cara. Países que dispõem de maiores recursos que o nosso não conseguiram ainda cobrir totalmente seu território. O Brasil, apesar de sua enorme área, já apresenta a quase totalidade de suas terras amarradas pelas rédes de triangulação, grandes manchas de levantamentos aerofotogramétricos e outros, realizados pelo Conselho, pelos diversos órgãos geográficos federais e estaduais e coordenados pelo CNG, em ritmo crescente e promissor, como pode ser visto na exposição hoje inaugurada. Dotado de aparelhagem moderna, trabalhando, em alguns casos, com a cooperação de órgãos internacionais e por acordos com países amigos, os trabalhos de campo, as atividades cartográficas e os estudos de geografia do solo, constituem rico patrimônio e um lastro para o fundamento da planificação governamental no que se refere aos programas de desenvolvimento econômico do país.

As publicações do Conselho constituem hoje um acervo cultural de primeira ordem e a relação bibliográfica pode ser mencionada com orgulho, pois, rivaliza com os melhores do gênero, editadas pelos países mais adiantados.

Além da publicação regular do *Boletim Geográfico* e da *Revista Brasileira de Geografia*, podemos enumerar, rapidamente, entre outras, as seguintes publicações e trabalhos de vulto do Conselho *A Geografia do Brasil*, o *Vocabulário Geográfico*, o *Anuário Geográfico do Brasil*, o *Atlas do Brasil*, o *Atlas de Bólso*, a *Carta do Brasil ao Milonésimo*, a *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros*, os mapas político, básico e físico do Brasil em várias escalas, o cartograma da divisão municipal do Brasil e as cartas do Brasil nas escalas de 1:1 000 000, 1:500 000 e 1:250 000, sem contar os inúmeros e relevantes trabalhos geográficos, incluídos nas publicações periódicas e dos quais foram feitas milhares de separatas.

O Conselho Nacional de Geografia se projeta ainda no campo internacio-

nal fazendo parte do Instituto Pan-Americano de Geografia e História, integrando as Comissões de Geografia, História e Cartografia dessa instituição. Faz parte da União Geográfica Internacional e se corresponde com inúmeras outras entidades congêneres. No âmbito nacional integra a Sociedade Brasileira de Geografia e a de Cartografia.

Por êsse simples enumerado de seu patrimônio cultural, verifica-se que esta jovem instituição, nos seus vinte e cinco anos de existência, já apresenta amadurecimento que só não a torna precoce, no conceito relativo de idade e desenvolvimento, porque nela se retrata a posição do Brasil, nos seus vinte e cinco anos de existência, já apresenta amadurecimento que só não a torna precoce, no conceito relativo de idade e desenvolvimento, porque nela se retrata a posição do Brasil, nos seus quatro séculos de existência, onde a exuberância da natureza agreste e pujante é encanecida pelo gigantismo da extensão territorial, pela agressividade de seu clima tropical e pela pluralidade de sua formação social e econômica.

E esta máquina geográfica trabalha em expansão, estendendo seus tentáculos por todos os rincões do país, através dos órgãos regionais e municipais.

Visto, assim, de relance, o panorama da estrada percorrida, resta-nos olhar para o futuro e vislumbrar a continuação dessa obra nos próximos anos.

E há que examinar essa perspectiva em face da conjuntura do país e da conjuntura internacional.

A Geografia é hoje o fundamento do poder nacional. Nela se assentam as raízes do poder econômico, do poder militar e do psico-social. Neste momento histórico em que o crescimento avassalador da humanidade, exerce sua pressão terrível no equilíbrio do binômio homem-terra, e os recursos naturais parecem insuficientes para atender à pressão demográfica, malgrado, o aperfeiçoamento técnico e o desenvolvimento industrial, só a melhor exploração sistemática do solo e a recuperação técnica orientada do ecúmeno, transformando regiões áridas em zonas de fertilidade, como o exemplo recente de Israel, podem oferecer a solução temporária para manter a sobrevivência das espécies sobre a terra. Eis a missão crucial para a qual a Geografia é chamada. O conhecimento do solo, de sua estrutura e de suas possibilidades naturais, quer para o fornecimento de meios de nutrição, pelo cultivo, quer pelo fornecimento de energias, extraídas do po-

tencial mineral de suas entranhas, exigem do geógrafo trabalho permanente e sistemático para atender à crescente necessidade dos planejadores da economia.

E a luta ideológica que divide o mundo em duas facções, abandonou o arcaico fundamento do determinismo geopolítico ratzeliano, para assentar-se na competição econômica da conquista de mercados. De um lado estruturas políticas totalitárias e do outro um neo-liberalismo econômico que tenta sobreviver, rompendo a cortina de ferro, caricaturada nas muralhas de Berlim. E o esforço dos países democráticos se concentra em acelerar o desenvolvimento econômico, para atingir ao ponto máximo do bem-estar social, pela mais rápida utilização dos recursos naturais. Esforço para vencer a tremenda pressão demográfica e o desequilíbrio da mão-de-obra chamada pela industrialização dos centros urbanos, pelo abandono dos campos, cuja produtividade, a fim de manter seu nível, exige máquina e capital, muitas vezes escassos nos países de desenvolvimento irregular. Para a tarefa do planejamento que vise a aumentar o potencial nacional e, conseqüentemente, o poder nacional, a Geografia é a primeira conscrita recrutada para a pesquisa, estudo e exploração do solo. É sua missão histórica. Cumpre realizá-la, sem temor. Nosso país a reclama e dela depende para imprimir melhor ritmo ao seu desenvolvimento. O Nordeste e outras regiões dela reclamam esforços urgentes e ilimitados. Devemos preparar-nos para suprir essa função básica de nossa hora presente.

Nesta solenidade, em que comemoramos festivamente o transcurso de 25 anos de profícua atividade do Conselho Nacional de Geografia, nosso pensamento se volta para o mapa do Brasil que simboliza todas as nossas esperanças, com os olhos de geógrafo que olha em cada traço e em cada símbolo cartográfico, mais um ponto de apoio e de descobrimento que servirá de base e infra-estrutura ao monumento que um dia causará admiração ao mundo, como o país do futuro, na feliz e profética visão de STEFAN ZWEIG, e o Conselho Nacional de Geografia, estamos certos, prosseguirá denodadamente em sua vital e perene missão, de levar adiante a chama olímpica que iluminará o caminho do progresso, honrando as tradições do passado e tornando-se digno da admiração dos pósteros.

(Discurso pronunciado na sessão solene comemorativa do 25 aniversário do Conselho Nacional de Geografia, no salão nobre do IBGE, em 26-3-62).

A Junta Executiva do Conselho Nacional de Estatística, também se fez ouvir, através da palavra do Sr. OVÍDIO DE ANDRADE, seu representante, que pronunciou o seguinte discurso:

“Ao trazer, em nome da ala estatística, nossas congratulações ao Conselho Nacional de Geografia, nas comemorações de seu jubileu, não o faço como representante de uma entidade à parte, mas como membro da mesma família institucional. É o regozijo de um irmão ligeiramente mais velho, que se orgulha da fase galhardamente vencida pelo seu cadete e os votos ardentes de uma trajetória sempre em ascensão, pois suas conquistas são também nossas, por isso que constituem outros tantos galardões que se incorporam ao patrimônio da instituição que nos congrega.

Cabe relembrar aqui, a compreensão manifestada pelos organizadores do sistema desde seu primeiro esboço, da relação intrínseca que reúne a Estatística à Geografia. Com efeito, vamos encontrar a Estatística e a Cartografia já irmanadas no primeiro anteprojeto enviado por TELXEIRA DE FREITAS ao ministro da Educação e Saúde, em 5 de fevereiro de 1932.

Embora não lograsse andamento esse projeto pioneiro, as idéias ali consubstanciadas não tardaram muito a adquirir personalidade jurídica. Assim que, iniciando-se com o decreto número 24 609, de 6 de julho de 1934, que instituiu o Instituto Nacional de Estatística, segue-se uma série de diplomas legais, entre os quais se enfileira o de n.º 1 527, de 24 de março de 1937, criando o Conselho Brasileiro de Geografia. Estava constituído o sistema, pois este decreto já incorporava o Conselho de Geografia por êle criado ao Instituto Nacional de Estatística. As leis que se seguiram, não obstante sua importância, apenas cumpriram missões complementares de ordem estrutural.

É portanto, de natureza fraterna a associação da ala estatística do Instituto às comemorações do jubileu da ala geográfica.

Mas há ainda razões de outra ordem a motivar essa participação.

É que à Estatística, só pode ser grata a melhoria dos conhecimentos geográficos, pois que constituem êles base imprescindível a seus trabalhos. Os fenômenos que se investigam estatisticamente se encontram sempre intrinsecamente vinculados a uma área de domínio geográfico.

Em levantamentos do tipo censitário por exemplo, não serão possíveis resultados satisfatórios onde forem in-

suficientes os conhecimentos geográficos. Seriam baldados os esforços que se despendessem se não se contasse com mapas das regiões a serem palmilhadas pois, de imediato, se instalariam a confusão e a balbúrdia, onde as áreas de serviço não pudessem ser delimitadas de maneira a permitir seu pronto reconhecimento no terreno por aquêles que a houvessem de levantar.

Nas mais modernas técnicas de levantamentos estatísticos, essa dependência se acentua de maneira sensível. Penso não exagerar ao afirmar ser a qualidade geográfica uma das condicionantes da qualidade estatística.

Por essas razões, se fazem merecedoras de nossa incondicional gratidão os idealizadores do sistema que, ao focalizar os problemas da Estatística, o fizeram de par com os da Geografia, conjugando vontades e esforços de tal magnitude que edificaram, em breve prazo, uma estrutura capaz de funcionar em âmbito nacional. E, assim, se instituiu um programa, cuja execução sistemática — não raro em termos de desbravamento — vem sendo enfrentado pelas duas alas irmãs, visando a um conhecimento cada vez mais profundo dos múltiplos aspectos e problemas dessa pátria — continente, cada dia mais complexos, e a exigirem continuamente técnicas mais aperfeiçoadas para seu exato conhecimento e interpretação. Só dando cabal execução a êsse programa estaremos cumprindo aquilo que constitui nossa condição básica de existência institucional, qual seja a de proporcionar fundamentos seguros aos responsáveis pelas decisões de caráter social, político e econômico que se fizerem necessárias ao pleno desenvolvimento do país.

Neste quarto de século de existência, o Conselho Nacional de Geografia proporcionou uma contribuição positiva ao melhor conhecimento geográfico de nosso território. Não lhe faltou coragem para assimilar e aplicar técnicas novas em seu campo. A elevação obtida em seu nível técnico é uma grata comprovação. A cartografia do território nacional em escalas proporcionais à densidade de ocupação humana, o preparo de várias edições dos mapas do Brasil e de vários estados, a triangulação e o nivelamento geodésico efetuados em amplas áreas do território e a multiplicidade dos estudos geográficos empreendidos e levados a termo, atestam do labor e também, do êxito alcançado no setor de sua especialização. A divulgação ampla e de excepcional riqueza em pormenores, que constitui o acervo de estudos e publicações periódicas do Conselho, forma entre os pontos altos do patrimônio cultural do país. Sua ativa participa-

ção em congressos e certames de sua especialidade atestam bem de seu entusiasmo e vitalidade criadora. Tampouco se pode deixar sem registro a magnífica atuação exercida pelo Conselho Nacional de Geografia no preparo e na elevação do nível do ensino da Geografia entre nós.

Por todos êsses motivos, é com indizível satisfação que a ala estatística, na palavra singela dêste seu intérprete, vem trazer à ala geográfica, de par com as congratulações de que se faz merecedora por tão assinalados títulos, os votos ardentes de que prossiga em sua importante missão, já agora investida da autoridade que lhe outorga a fase vencida, brilhantemente comemorada neste jubileu”.

Em seguida falou o Dr. Arnaldo Vieira Lima, servidor do Conselho.

“Na sessão magna que ora se realiza, em comemoração ao 25.º aniversário não podia faltar a palavra do seu funcionalismo. Tem êle em mim o seu intérprete.

Afinal, caros companheiros, somos participantes da obra aqui realizada e, ao vê-la coroada de bom êxito, exaltada e envolvida pelo reconhecimento público, após uma jornada de 25 anos, é o nosso próprio coração que sente a imperiosa necessidade de se expandir e manifestar o seu regozijo, alto e bom som.

Perdoe-me o distinto auditório se me dispenso de oferecer o retrospecto das atividades desta Casa nesse período de tempo.

Quem, após a missa gratulatória de sábado, celebrada na Igreja da Candelária, ouviu a alocação proferida por Dom HÉLDER CÂMARA, alocação magistral pela sua simplicidade, admirável pelos conceitos em que se descobre o sacerdote identificado com os problemas da sua época, abrilhantada pela majestade do templo em que ressoou, manifestação por certo insuspeita e por isso mesmo, valiosa. Depois dos pronunciamentos autorizados dos ilustres oradores que me precederam na tribuna, não precisarei dizer mais.

Aos mais exigentes indicaria a exposição de trabalhos, hoje inaugurada no Aeroporto Santos Dumont, retrato vivo da presença atuante do Conselho.

Posso agora entrar no objeto do meu discurso, que é o de saudar o espírito de camaradagem e a boa convivência que reúne os servidores desta Casa, ao ensejo da celebração de efeméride tão grata a todos nós. E como a confirmar o meu intento, leio nas fisionomias de cada um dos companheiros presente o alvoroço e a alegria contagiante, que se apodera dos corações nas datas íntimas de família, de uma

família constituída e consolidada sob o influxo dos mesmos anseios e ideais.

Há 25 anos se constituía o Conselho Nacional de Geografia, no velho casarão do Silogeu Brasileiro em meio a galerias de vultos ilustres e reminiscências de feitos gloriosos como a lhe antever a predestinação histórica.

Nascido sob o signo das melhores esperanças, porque bafejado pelo idealismo dos seus fundadores e estruturado à base de diretrizes seguras, o Conselho cresceu, desenvolveu-se, e, hoje, pode apresentar-se à admiração do povo brasileiro e também — por que não dizê-lo? — ao aprêço do Universo com um acervo de inestimáveis e assinalados serviços: Grande pelo desenvolvimento, grande pelo merecido prestígio que granjeou, maior ainda pela importância de seus trabalhos e realizações.

Prezados colegas:

Ao volver os olhos para a caminhada feita nesses 25 anos de boa convivência, três sentimentos se atropelam dentro de nós. O primeiro dêles é o sentimento de gratidão aos que lançaram à terra a semente que se transformaria, depois, no frondoso e imponente jequitibá, que tem sabido resistir galhardamente ao desgaste e às vicissitudes do tempo. Refiro-me aos pioneiros cujos nomes — por sobejamente conhecidos e admirados não preciso mencionar — gravados como estão na consciência de todos quantos conhecem a história do Conselho.

Dentre os companheiros que enchem esta sala acham-se muitos que assistiram ao surgimento desta Casa e que encaneceram no serviço à sua causa. Manda a justiça que para êles se volte o aplauso e o aprêço dos mais novos num preito de merecida homenagem. Nosso reconhecimento dirige-se aos que, arrostando as dificuldades da primeira hora, deram o impulso inicial à instituição.

Estende-se a quantos, enfim, presentes e ausentes, lhe trouxeram — sua contribuição inestimável ou o modesto concurso. Não olvidamos, nessa citação, os companheiros que se acham separados de nosso convívio pelo abismo irremediável da morte, e que, de resto, “se vêm da lei da morte libertando”, com a apoteose de hoje com a glorificação dos feitos de que participaram, para repetir o verso lapidar do vate luso.

O segundo sentimento a nos envolver, nesta hora, é o de orgulho e de ufania por integrarmos uma instituição que honra a cultura brasileira e cujo prestígio, no seio da administração pública, no cenário científico nacional e internacional, é indiscutível.

É com verdadeira emoção que, ao cabo de 25 anos, contemplamos a vitória de um ideal, vitória que contou com a parcela do esforço de cada um de nós.

O terceiro e último sentimento que nos empolga os corações, neste momento, é o de fé na continuidade da obra empreendida pelo Conselho e da consciência de nossas responsabilidades nessa tarefa.

Exmo. Sr. Dr. JOSÉ JOAQUIM DE SÁ FREIRE ALVIM: V. Exa., juntamente com o digno secretário-geral do CNG, tenente-coronel WALDIR DA COSTA GODOLPHIM e os ilustres membros do Diretório Central responde agora pelos destinos desta Casa. Pois bem: Recolham V. Exas. o entusiasmo puro, espontâneo e transbordante, a vibração cívica de que nos achamos possuídos, com os votos de que esta instituição viva, cresça e permaneça — *vivat, crescat et maneat*.

Viva — na continuidade dos seus elevados objetivos.”

Cresça — em realizações e empreendimentos.

Permaneça — em atividade fecunda e proveitosa para o Brasil.

E quanto a nós, distintos companheiros procuremos na inspiração desta hora, fortalecer cada vez mais o espírito de camaradagem que agora nos congrega a fim de que a família do CNG se mantenha una, forte e indissolúvel.

Encerrando a sessão, o senhor presidente pronunciou as seguintes palavras:

Minhas senhoras
Meus senhores

“As orações que acabais de ouvir esboçaram muito bem o significado desta reunião, que é uma festa de júbilo.

Pouco ou nada terei que acrescentar, além do agradecimento formal e dos votos que, como parte que sou, formulo pelo êxito crescente das atividades do Conselho Nacional de Geografia.

Não poderia, todavia, encerrar tão expressiva solenidade sem evocar algumas figuras primordiais da vida do Conselho, as que o idealizaram: professores PIERRE DEFONTAINES e PIERRE MONBEIG, e as que o criaram: embaixador JOSÉ CARLOS DE MACEDO SOARES, TEIXEIRA DE FREITAS e CRISTÓVÃO LEITE DE CASTRO.

Ao espírito idealista daqueles dois eminentes geógrafos franceses e à ação patriótica, esclarecida e dinâmica dos demais, deve-se a existência, e mais do que ela, a obra cultural que êsse

órgão do IBGE vem realizando nos seus 25 anos de atividade.

Não esqueçamos, em absoluto a co- operação inteligente de muitos e o apoio decisivo de instituições oficiais e particulares que efetivamente concorreram para a construção desse núcleo formador de técnicos.

Em realidade, o Conselho Nacional de Geografia tem o grande mérito de haver criado a mentalidade geográfica que ainda não possuíamos, formando verdadeira escola de especialistas que tantos serviços vêm prestando ao nosso desenvolvimento econômico e cultural.

Com a atração de notáveis mestres europeus e norte-americanos e o envio para a França, e os Estados Unidos, de jovens esperançosos, que se adestraram nesses centros, foi possível dar ao Brasil a liderança que indiscutivelmente temos no campo da pesquisa e da divulgação geográfica. O Conselho Nacional de Geografia não representa, apenas, no cenário da administração pública, o papel de um órgão a mais de execução; muito mais do que isso, tem sido uma escola de valores, uma oficina formadora de especialistas.

Êsse importante papel de verdadeiro iniciador, de reconhecido pioneiro, não se lhe poderá negar.

Bastaria isso para que rendêssemos o nosso preito de homenagem aos seus iniciadores e o nosso reconhecimento pela obra realizada.

Poderíamos dizer que aqui estamos para proclamar, claro e unísono: temos a certeza de havermos cumprido o nosso dever; estamos gratos pela confiança que nos foi dada e prometemos não desmerecê-la, recebendo-a como estímulo para novos empreendimentos.

Não quero terminar sem agradecer, e o faço da maneira mais efusiva, a valiosa colaboração dessa denodada turma de técnicos que comanda o CNG, sob a orientação de seu secretário-geral — o Cel. WALDIR DA COSTA GODOLPHIM, que concordou em nos dispensar os conselhos de sua experimentada competência.

A cada um dos diretores de Divisão e Serviço o nosso reconhecimento pela cooperação valiosa que, dando ao IBGE, dão ao Brasil, que só a êle nos cabe engrandecer com o nosso trabalho e a nossa dedicação.

Senhores: Congratulo-me com todos quantos, funcionários ou não, concorreram de forma direta ou indireta, importante ou singela, para que pudéssemos comemorar, como o fazemos, satisfeitos e esperançosos, êsse quarto de

século de trabalho, de estudos e de realizações.

Congratulo-me e agradeço fazendo votos pela felicidade pessoal dos que ainda vivem e rendendo o preito de nossa saudade aos que nos deixaram pela vontade divina.

Agradeço, também, a honrosa presença das autoridades que aqui vieram, bem assim a todos que nos deram a alegria do seu comparecimento a esta festa de aniversário.

Muito obrigado a todos.

Está encerrada a sessão.

Geógrafos desaparecidos

A Assembléa Geral do Conselho Nacional de Geografia, nas sessões realizadas em 1959 e 1960, registrou o falecimento, rendendo-lhes homenagens póstumas, das seguintes personalidades que contribuíram direta ou indiretamente para o progresso da Geografia.

— ALMIRANTE ANTÔNIO ALVES CÂMARA, falecido em 14 de agosto de 1958; antigo ministro da Marinha, ex-diretor da Hidrografia e Navegação da referida pasta, cujos serviços reorganizou; antigo membro do Diretório Central do CNG em cuja qualidade representou o Ministério da Marinha de 1938 a 1953; ainda como delegado desse Ministério participou dos trabalhos da Assembléa-Geral; no mesmo período, em 1924 chefiou a Comissão que procedeu à determinação das posições geográficas dos faróis da costa sul do Brasil; de 1934 a 1936 dirigiu e executou o levantamento do trecho da costa do Brasil que se estende do Rio de Janeiro ao pôrto de Santos; em 1940 comandou os trabalhos de levantamento para a determinação do verdadeiro local do descobrimento do Brasil; tomou parte em diversos congressos científicos nacionais e estrangeiros.

— DOUGLAS MAWSON, falecido em 14 de setembro de 1958, cientista britânico, que se notabilizou pelas explorações empreendidas no Pólo Antártico.

— BERNARDO SAIÃO, falecido em 16 de janeiro de 1959; engenheiro, idealizador e construtor da rodovia Belém-Brasília; pertencia aos quadros técnicos do Ministério da Agricultura e contava no seu acervo serviços como a criação e instalação de colônias agrícolas no Paraná e em Goiás; quando faleceu, exercia os cargos de vice-governador do estado de Goiás e diretor executivo da NOVACAP.

— DR. NESTOR DOS SANTOS LIMA presidente durante 25 anos do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, falecido a 26 de fevereiro de 1959; membro da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras; ex-secretário geral do estado do Rio Grande do Norte e ex-diretor do Departamento da Educação daquele estado; autor de vários trabalhos de história e geografia regionais foi a figura representativa do ambiente cultural de sua província.

— Almirante CARLOS VIEGAS GAGO COUTINHO, falecido em 18 de fevereiro de 1959; almirante da Armada portuguesa, matemático notável, geógrafo, historiador, figura mundialmente conhecida, considerado herói nacional de sua pátria; era grande amigo do Brasil; em companhia de SACADURA CABRAL empreendeu a épica façanha da primeira travessia aérea do Atlântico-sul, autor de vários trabalhos sobre navegadores, entre os quais se inclui uma tese acerca do "Descobrimento do Brasil", segundo a qual êsse acontecimento ao contrário ao que se pretende, não foi obra do acaso.

— DIONÍSIO CERQUEIRA DE TAUNAY, falecido em 1.º de março de 1959; coronel-aviador e herói da FAB; antigo membro do Diretório Central do Conselho Nacional de Geografia em cuja qualidade representou o Ministério da Aeronáutica neste Conselho; ainda como delegado desse Ministério participou dos trabalhos da Assembléa-Geral onde prestou relevantes serviços à Geografia brasileira. Foi êle um dos que patrulharam o Atlântico durante a última guerra. Fêz curso de aperfeiçoamento de sua arma, nos EE.UU.; desapareceu trágicamente, quando designado para um pôsto de responsabilidade, na base de Salvador.

— Eng.º HENRIQUE DÓRIA DE VASCONCELOS, falecido em 2 de março de 1959,